

Título: Arpoador
Gênero: Literatura e Ficção
Autora: Léa Ferro
Data: 2006

Arpoador



O Sol estava forte como de costume nos meses de Janeiro, uma brisa leve despontava na beira do cais, as gaivotas circulando em torno das embarcações, os pássaros nas copas das árvores cantavam e encantavam as crianças que brincavam na praia...

Todas as manhãs Dona Mari caminhava o curto trajeto de sua casa até o farol. Seu coração trazia uma oração, para que seus filhos voltassem logo para casa com saúde e fortuna. Das oito embarcações que haviam partido, só duas ainda permaneciam em alto mar. O Arpoador e Beatriz I.

Nina caminhava naquela manhã de Sábado rumo ao farol. Sabia que Selene estava preste a voltar, embora a pescadora nunca a tivesse olhado de modo diferente, havia se encantado desde o primeiro momento que repousava seus olhos tímidos na mulher.

Ouviu muito ao longe o som estridente da embarcação que anunciava o retorno à cidade. Virou seu olhar para alto mar e avistou o camaroeiro se aproximando do canal com cuidado e maestria. Seu coração disparou.

- Selene! Assuma aqui! Gritou o irmão mais novo pedindo ajuda na entrada perigosa do canal.

A mulher balançou a cabeça vendo o medo do irmão em conduzir a embarcação próxima ao banco de areia e assumiu a embarcação.

- Assim tu nunca vais aprender Cezar! Resmungou a mulher pegando

firme no leme.

Nina ouviu os gritos do velho pescador que se levanto acenando contente.

- Menino, vá avisar Dona Mari que o Arpoador está chegando. Disse o velho ao garoto sentando ao seu lado.

O menino saiu em disparada gritando: - "O Arpoador chegou! O Arpoador chegou!"

Selene encostou o barco à beira do cais. Jogou as âncoras e passou a corda com firmeza ao ferro. Os companheiros de pesca pularam da embarcação ao chão sólido e festejaram a volta entre os amigos e parentes.

Nina observava cada gesto. Viu Dona Mari vir correndo ao encontro dos tripulantes. A mulher abraçou o jovem rapaz e em seguida Selene e Julia cheia de saudades. Dona Mari estava radiante em ter seus filhos por perto mais uma vez.

- A sua benção minha mãe. Pediu a mulher alta e forte. Com seu jeito rústico, porém, carinhoso.

- Deus te abençoe filha!

Os irmãos repetiram o gesto e também foram abençoados pela mãe que trazia no rosto um sorriso de satisfação.

Nina sentiu o ar lhe faltar ao ver Selene pisar em terra firme. Era a visão de mulher forte... Bonita... Os olhos verdes, os cabelos castanhos a altura dos ombros se destacavam ao dourado do sol, a pele bronzeada, os braços firmes, o olhar penetrante e o modo rústico a fascinavam. Nos meses em que observara Selene, não recordava ter em sua memória uma visão tão bonita como agora via na pescadora. Selene avistou aquela professora que tirava seu sono observando-a e apenas cumprimentou balançando a cabeça.

À tarde, Nina fora até a casa de dona Mari como combinado para ajudar nos preparativos da festa de chegada das embarcações. Logo que O Beatriz I retornasse, a cidade estaria em comemoração pela pesca e fortuna. A mulher ficou feliz com os préstimos da jovem professora.

Nina ficou encantada com a delicadeza da casa simples e ampla. O quintal quase todo arborizado, a horta nos fundos e o Rancho de pesca ao lado, tendo todo o tipo de material de pesca organizado no interior e duas grandes canoas de madeira.

- Veio para a festa senhora? Perguntou Selene nada contente com

presença da mulher, que lhe atormentava as noites insones, em seu rancho.

Nina deu um salto tamanho o susto e levou a mão ao peito demonstrando surpresa.

- Não. Vim ajudar dona Mari com os preparativos e...

- Cuidado com a âncora! A senhora pode se ferir! Repreendeu Selene em tom áspero interrompendo a mulher.

- Oh, desculpe! Pediu desapontada com seu tom de voz.

- Não te desculpes, apenas não queria vê-la ferida. Disse em tom mais ameno, aproximando-se.

Nina sentiu o efeito que a presença de Selene causava nela, vê-la tão próxima a fazia sonhar. Recuou um passo, mas Selene aproximou-se novamente, chegando bem perto, fitando seus olhos, retirou a âncora da entrada do rancho e colocou dentro da canoa.

Na tarde seguinte O Beatriz I voltava para casa. Anunciando boa pesca e dando início às comemorações. Nina fazia o possível para ser notada por Selene. Esta por sua vez, tentava apenas tirar aquela imagem de anjo de sua cabeça e controlar seus impulsos. Era difícil manter o controle e desejo guardado por meses, diante daquela mulher delicada e sensual. Nina era uma mulher provocante, porém não tinha consciência de seus encantos, como uma menina em que o caminho do coração ainda não havia sido descoberto, atraía a atenção de Selene fazendo-a sonhar.

Selene tentava manter-se o mais afastada possível daquela tentação, mas não conseguia desviar o olhar da professora que dançava entre os pescadores na última noite de festa na praia.

- Pois é minha irmã! Dançando assim até eu fico apaixonado por ela. Disse Cezar provocando uma Selene distraída.

- Não enche moleque. Respondeu a pescadora irritada, afastando-se em seguida da festa, rumo ao farol.

Nina observou a cena, percebeu os olhares dos irmãos em sua direção e viu Selene afastar-se com pressa. Deixou a roda de dança e caminhou em silêncio atrás dela. Selene apoiou-se na proteção de madeira a beira do cais. Estava inquieta. Queria ser ela a bailar com sua musa. Sentiu a presença da professora, mas, permaneceu olhando para o mar.

- Não está gostando da festa? Indagou.

- Não sou muito de festejar. Gosto do silêncio. Respondeu ainda com o olhar fixo no mar. – Vai ver sou anti-social. Continuou.

- Não me parece isto. Amenizou a professora. – Tu és tão querida por todos aqui, dá para perceber o carinho que as pessoas tem por ti e o jeito que tu retribui, diz tudo ao contrário. Respondeu com seu tom voz doce desarmando a pescadora.

- Vai ver então, eu estou apenas tentando fugir um pouquinho. Resmungou tentando dar a conversa por encerrada, sentindo seu peito apertar e uma vontade enorme de tê-la nos lábios.

Nina aproximou-se, viu Selene virar-se de frente para ela desviando o olhar e perguntou provocando:

- Posso saber fugindo do que? Provocou.

Selene deu dois passos à frente, ficou tão próxima que quase podia ouvir sua respiração, fitou-a nos olhos e depois baixou o olhar turvo aos lábios rosados e entreabertos, sonhava há meses em estar tão próxima como agora, não conseguia mais conter em si à vontade, era mais forte que a força das águas em dia de tempestade, encostou seu corpo ao dela, deslizou a mão no rosto suave e brando, viu-a cerrar os olhos, com delicadeza mergulhou os dedos entre os cabelos cor de mel, segurando firme em sua nuca, levou o rosto até o seu num toque firme e decidido, percebeu-a suspirando descontrolada, parecia querer tanto quanto ela aquele momento, aquela resposta.

- Fugindo disto aqui...

Respondeu baixando o rosto e mergulhando seus lábios aos dela num beijo ardente, repleto dos desejos guardados.

Nina correspondeu ao beijo.

Selene explorava cada canto úmido da boca macia da mulher. Buscou sua língua, seus lábios, o contato mais íntimo. Nina suspirava, queria mais, muito mais e ela atendia seu chamado, segurando em sua face com as duas mãos, conduziu-a de encontro à proteção de madeira, juntou seu corpo e deixou a perna deslizar por entre as suas, bailando num ritmo suave e ardente. Nina deixou um gemido escapar ao toque mais ousado. Selene continuava a bailar no delírio delicioso, enquanto seus lábios permaneciam numa busca alucinante, desceu a boca pelo pescoço da mulher, o colo, voltando para os lábios com sede.

Aos poucos conseguiu afastar sua boca da dela, abriu os olhos com dificuldade, viu-a com os olhos ainda fechados, a respiração ofegante, o peito arfante e o bico dos seios enrijecidos sob a malha fina da blusa de seda. Selene passou a mão nos cabelos, ainda entorpecida diante à loucura que se permitira fazer.

- Desculpe Nina... Por favor, me desculpe... Pediu Selene com a voz

rouca. Levou as mãos à cabeça e deu um passo para trás.

Nina fitou-a, sabia agora que ela sentia o mesmo e respirou mais aliviada, após meses de tormento e desejos solitários nas noites insones querendo sentir o gosto salgado dos lábios da rude pescadora nos seus, pode perceber, que também ela, sentia-se envolta aquele turbilhão de sensações. Viu Selene afastar-se, caminhando aos passos largos. Queria ter a coragem de ir atrás dela e falar tudo que estava guardado em seu coração, mas sua timidez bandida não permitiu.

Selene foi para casa, ainda sentindo o gosto doce dos lábios da professora nos seus, deitou-se, tentou dormir, mas não conseguiu.

Na manhã seguinte Nina voltara às aulas e Selene voltara para o mar. Nina tentava não pensar em Selene, dedicando-se aos alunos e auxiliando Dona Mari nas aulas de artesanato. Selene tentava manter-se concentrada na pesca. Saía para o mar ao despertar do sol e voltava somente ao anoitecer.

Nina tentava com força vencer a timidez e se aproximar de Selene, mas não conseguia, sempre que encontrava a pescadora, as palavras lhe fugiam dos lábios. Por vezes, percebeu Selene a fitá-la de longe, queria falar dos meses em que imaginou tê-la como naquele beijo, mas agora, não entendia Selene afastar-se desta forma tão fria, tornando o momento mágico que haviam criado em algo superficial, vazio, sem cor...

Dona Mari encantava-se cada dia mais com a jovem professora, toda a sua sensibilidade e delicadeza haviam atraído seu carinho. Sentia que Selene e Nina, pareciam estar evitando a presença uma da outra. Nas tardes em que a professora a ajudava nas aulas de artesanato, via que ela não conseguia tirar os olhos de sua filha. Dona Mari percebeu a batalha que as mulheres travavam entre si, tentando evitar o inevitável, tentou abrir os olhos da filha.

- Tu e a professora brigaram filha? Perguntou Dona Mari.

Selene adoçava uma caneca de café, sentada na varanda com o olhar perdido no oceano, respondeu:

- Não brigamos minha mãe.

- Hum! Resmungou a velha senhora com ar de interrogação. – Mas antes vocês conversavam e agora nem se olham.

- É. Eu sei mãe.

- Ela gosta de ti filha, percebo isso nos olhos dela quando tu estás por perto e nas dezenas de suspiros que ela solta quando te vê chegando. Sabe filha, eu nunca entendi direito isto de tu gostar de mulher, mas aceito, o que eu não entendo mesmo, é ver duas pessoas que se gostam sofrendo desta

forma.

Selene riu baixinho e balançou a cabeça. Queria que a mãe estivesse mesmo certa. Estava sofrendo, talvez, Nina também estivesse sentindo o mesmo que ela.

A partir daquela conversa, Selene e Nina conseguiram manter-se menos afastadas que antes, Dona Mari sempre dava um jeitinho de colocar as duas juntas, sabia que Nina era sozinha naquela cidade e que Selene também não era de muitos amigos, embora fosse uma mulher popular.

- Eu vou à mercearia meninas, fiquem ai e não deixem queimar meu feijão hein! Disse a velha senhora aproveitando a oportunidade em vê-las juntas.

Selene balançou a cabeça achando graça do jeito cupido de ser de sua mãe. Nina também percebeu e ficou rubra, tentando disfarçar o constrangimento, falou:

- Tua mãe é uma pessoa muito especial. Eu gosto dela. Sorriu.

- E eu... Deu uma pausa e fitando os olhos da mulher prosseguiu. - Gosto de ti! Disse de supetão antes que perdesse a coragem.

Nina sentiu seu coração disparar, não esperava uma declaração como aquela. Levou as mãos ao peito e tentou vencer a timidez, precisava falar o que há semanas estava guardado em sua garganta e seu coração.

- Pensei que tu quisesses apenas fugir de mim. Queria ser uma pessoa especial pra ti, mas tua distância me deixou insegura.

- Eu quis muito fugir de ti e tornar as coisas mais fáceis, mas não consegui esquecer o que houve.

Selene sentia uma enorme vontade em abraçá-la.

- Eu entendo. Disse Nina.

- Não sei se tu entendes, mas sei que tu sentes, eu percebo isso. Sei que é um caminho intenso e complicado a seguir, por isso precisava pensar, compreender.

- Selene, nem sempre o caminho mais fácil, é o melhor, a maioria das pessoas prefere ir por um caminho onde não tem o coração, mas esta troca é necessária para que nosso coração e nossa alma não endureça e não morra em seu significado maior...

Selene mergulhou no fundo daqueles olhos, parecia absorver cada palavra doce que bailava nos lábios de sua musa, ouvi-la despejar todo aquele sentimento lhe tocava a alma, parecia que estava fazendo um

carinho com as mãos em sua insegurança, tornando tudo mais forte.

- Caminhar por onde nada acontece protege nossos sentimentos Nina e eu vivo uma vida diferente da tua, não tenho muito a te oferecer. Disse com a voz embargada.

Nina sentou-se ao seu lado no sofá, segurou em sua mão com delicadeza e respondeu firme num fôlego só:

- O teu coração é o que tu tens de mais bonito Selene e é o que eu mais desejo. É tão difícil dizer o que sentimos que a gente traduz em um milhão de palavras, o que pode ser dito com tão poucas. Deu uma pausa, mexeu nos cabelos e continuou: - Eu também gosto de ti Selene...

Selene sorriu, sentiu um alívio imenso habitar seu coração. Segurou as mãos da mulher entre as suas e baixou seu olhar aos lábios da mulher, desejou-os entre os seus ameaçando beijá-la, quando ouviu os passos no quintal, quebrando todo aquele encanto.

As mulheres postaram-se em pé de imediato, ainda atônicas, como quem desperta do mundo dos sonhos para a realidade. Selene apenas recuou dois passos. Dona Mari passou pelas mulheres e apenas cumprimentou sem perceber o que estava prestes a acontecer. Selene aproximou-se da professora novamente e sussurrou no ouvido fazendo-a perder o fôlego:

- Esta conversa ainda não terminou. Provocou com a voz rouca.

Nina sentiu um frio gostoso percorrer a espinha, entreabriu os lábios deixando um suspiro escapar com destino certo e respondeu ofegante:

- Às vezes, tuas palavras e tua voz, tem um efeito muito maior em mim, que muitas mãos que já percorreram o meu corpo. Devolveu a professora num outro sussurro.

Selene, que não esperava ter sua provocação respondida a altura, sentiu o ar querer escapar-lhe dos pulmões. Ao ouvir sua mãe chamar por Nina, mergulhou a mão em seus próprios cabelos tentando controlar-se enquanto via a professora deixar a sala. Queria poder tomá-la em seus braços naquele instante e fazer-lhe amor com toda a força do seu coração, aplacando assim, o desejo contido nas semanas em que se mantiveram afastadas, apenas tentando compreender o que sentiam, fugindo de algo, que agora, elas já não podiam mais controlar.

Selene saiu, caminhou até o cais, passou o restante da tarde pensando na conversa que tivera e cuidando de sua embarcação para a pescaria na manhã seguinte. Voltou para casa quando a noite tentava modificar as cores no céu.

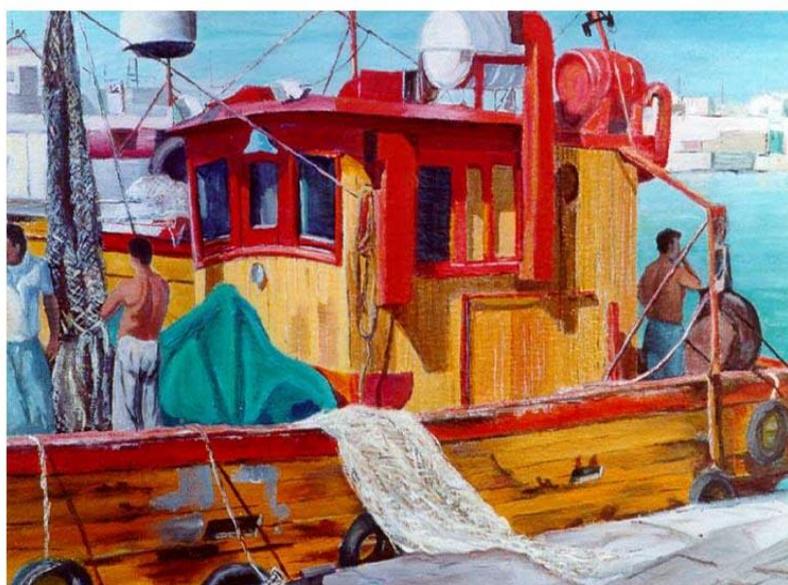
Nos dias que se seguiram, Nina e Selene conseguiram aos poucos

desfazer os medos e inseguranças que lhe habitam a alma. Selene estava descobrindo a mulher delicada e sensual que existia na professora, embora ela parecesse esperar que as atitudes partissem da pescadora, sabia ser provocante, sem perder o encanto, sempre com brincadeiras e dizeres que despertavam seus desejos.

- Amanhã vai ter um Luau. Disse Nina como quem não quer nada enquanto caminhava rumo a sua casa ao lado da mulher altiva.

- Quer ir comigo? Convidou Selene tentando esconder o sorriso com o comentário.

- Hu-hum. Disse feliz.



- Eu venho te buscar. Dorme bem Nina. Despediu-se com um sorriso.

Selene fora buscá-la ao entardecer. O sol já estava se pondo, devagar, incendiando o céu com faiscantes sombreados de vermelho e laranja, à distância, nuvens escuras acima do horizonte, os ventos mornos do verão, em breve o sol daria passagem à noite, e com ela, chegaria o silêncio que passa sobre tudo.

- Tu estás linda! Exclamou quase sem fôlego ao vê-la.

Nina sorriu tímida ao comentário. – Vamos?

- Vamos meu anjo. Respondeu uma Selene perdida diante tanta beleza e feminilidade.

Na praia, alguns pescadores cuidavam para manter a fogueira acesa enquanto as mulheres bebiam vinho e dançavam alegres. Um pescador tocava o violão com alegria enquanto sua mulher cantava na roda e tocava o

pandeiro.

Dançaram por quase toda à noite. Nina parecia bailar em seus braços como uma sereia em alto mar, por vezes deixava seu corpo tão próximo ao da mulher, que quase não podia ouvir a música a sua volta. Aos poucos, as pessoas iam deixando a pequena festa à beira mar, já era madrugada quando elas encontravam-se sozinhas, dançando. Selene segurando em sua cintura e Nina abandonada ao longo de seu pescoço com as mãos acariciando a nuca dela e a cabeça encostada em seu peito.

- Quer ir embora? Está tarde... Disse baixinho ao pé do ouvido da professora.

- Não! Quero ficar, não posso ir embora agora. Resmungou.

Selene compreendeu, também ela não poderia deixar aquele momento de cumplicidade. Baixou o olhar e fitou-a, roçou o nariz em seu pescoço, acariciou sua face rosada com as mãos, percorreu com os dedos o rosto, os lábios, depois o pescoço e o colo, levou o rosto da mulher bem próximo ao seu, fitou aquela boca desejada e beijou-a com força.

Nina sentiu sua boca ser invadida com desespero. Correspondeu ao beijo sôfrego buscando a língua da pescadora, envolvendo-se em seu abraço, acariciando seus cabelos. O beijo parecia não querer ter fim, deixando as mulheres embriagadas.

- Me leva pra casa... Suplicou.

Selene atendeu seu pedido, segurando-a pela mão caminhou rumo ao momento tão esperado. Abriu a porta, pegou-a no colo, sentindo-a encaixar as pernas em volta de seu corpo e beijando sua boca caminhou até o quarto da mulher, colocou-a no chão e despiu cada peça do corpo feminino admirando a beleza, sentindo a suavidade da pele, deixando os lábios passearem em seus ombros, como pássaros, que nas manhãs de primavera, repousam no jardim do amor.

Deitou-a entre os lençóis macios, repousando seu corpo ao dela, mergulhando no mundo dos sonhos e fazendo de cada pequeno detalhe uma eternidade. Tocando sua pele e seu coração na mesma intensidade, envolvendo-se toda nela, como se o sol emoldurasse seu corpo com um brilho dourado de luz adocicada, os dedos percorriam ternamente a cumplicidade, enquanto o vento dançava gentilmente através dos fios longos de seus cabelos, a boca deslizando pelo ventre, o perfume que banhava sua alma em retribuição aos carinhos, as mãos que findavam a descoberta do prazer, os olhos que observavam a face angelical de abandono e paixão, como olhos que não revelam facilmente seus segredos, num rosto que não gritava, mas sussurra suavemente ao entreabrir dos lábios no sorriso, a magia colorida de uma nova estação...

E da noite, fez-se o poema não escrito, o toque não arriscado, a

história não contada, a canção não composta, o carinho não experimentado, a tela não desenhada, a palavra não traduzida, o beijo não vivido, a flor não cultivada, o estremecer não compartilhado, o sorriso não fotografado, o amor jamais sentido...

*** FIM ***